

POLYANA MARIA JUNQUEIRA HADICH

***O ESPORTE NO CONTEXTO
ESCOLAR***

CAMPINAS

1997

POLYANA MARIA JUNQUEIRA HADICH



O ESPORTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação Física, sob orientação do Prof. Dr. Jocimar Daolio.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CAMPINAS

1997

“A inteligência dos alunos não é um vaso que se tem de encher; mas é uma fogueira que é preciso manter acesa”. (Plutarco)

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	01
I. Educação Física escolar	03
II. O Esporte no contexto escolar	13
III. O ensino dos esportes: subsídios para uma metodologia	21
<i>Considerações finais</i>	27
<i>Referências Bibliográficas</i>	29

O ESPORTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Autora: Polyana Maria Junqueira Hadich

Orientador: Prof. Dr. Jocimar Daolio

A Educação Física é uma área do conhecimento que trata da cultura corporal, a qual se traduz na expressão corporal. Abarca as atividades corporais representativas das realidades vividas pelos homens, no interior de um processo histórico e cultural, sendo, portanto, carregada de sentido e significados. Têm-se constituído então, como conteúdos das aulas de Educação Física, as formas institucionalizadas de atividade corporal, ou seja, os jogos, o esporte, a dança, as lutas e os exercícios ginásticos. No entanto, a história nos revela que, dentre todos os conteúdos apontados, o esporte é a atividade hegemônica, seja no interior da escola, ou na sociedade, de uma forma geral. O presente trabalho defende a abordagem de todos os conteúdos pertinentes à Educação Física escolar e reserva o primeiro capítulo para isso. O segundo capítulo trata, mais especificamente, dos aspectos relativos ao esporte, a fim de compreender melhor seus determinantes, reforçando-o como um dos conteúdos (e não o único). Para finalizar, baseado em propostas de dois autores, este trabalho discorre sobre algumas idéias para o desenvolvimento do esporte no âmbito escolar, a fim de assegurar-lhe um tratamento pedagógico adequado.

INTRODUÇÃO

A Educação Física, enquanto disciplina componente do currículo escolar, deve possuir um conteúdo que se constitua num conhecimento específico a ser transmitido. E esse conhecimento só tem sentido se abrangente, sistematizado, seqüencial e coerente com um processo de aprendizagem.

Essa afirmação parece óbvia e, até mesmo, redundante - uma disciplina escolar que precisa ter um conteúdo sistematizado. No entanto, no caso da Educação Física, a afirmação deixa de ser óbvia quando se observa que, na prática, em muitos casos, as aulas não passam de situações onde os alunos decidem o que fazer - geralmente jogam algum esporte porque, de alguma forma, aprenderam fora da escola - ou jogam algo porque o professor determinou. É um momento de descontração ou, no máximo, de aprendizagem de um conteúdo restrito. Ora, isso não caracteriza uma aula, descartando a necessidade de um horário definido e a presença de um professor. Para isso, não se faz necessária a presença dessa “disciplina” na grade curricular.

Mas o que vem a ser então esse conhecimento específico das aulas de Educação Física? A Educação Física é uma área do conhecimento que trata da cultura corporal, a qual tem a expressão corporal como linguagem. Abarca as atividades corporais representativas das realidades vividas pelos homens, no interior de um processo histórico e cultural, sendo, portanto, dotada de sentido e significados.

Têm-se constituído então, como conteúdos das aulas de Educação Física, as formas institucionalizadas de atividade corporal, ou seja, os jogos, o esporte, a dança, as lutas e a ginástica. Muitos autores compartilham desse entendimento, embora alguns se utilizem de outros termos, como cultura de movimento ou cultura física, como veremos ao longo de nossos estudos.

No entanto, a história nos revela que, dentre todos os conteúdos apontados, o esporte é a atividade hegemônica, seja no interior da escola, ou na sociedade, de uma forma geral.

Sendo assim, percebemos dois problemas mais evidentes no trato do esporte no âmbito escolar. Por um lado, somente o esporte é valorizado nas aulas e,

mesmo assim, algumas poucas modalidades, cuja transmissão, em geral, se dá de forma bastante elementar, ou seja, os professores reproduzem modelos de aulas há anos existentes ou transmitem técnicas determinadas, as quais devem ser repetidas exaustivamente pelos alunos ou, simplesmente, “colocam” para jogar aqueles alunos considerados mais habilidosos no esporte em questão, desconsiderando, em qualquer uma das formas, a apreensão do conhecimento por parte dos alunos e desperdiçando a abrangência do saber pertinente à Educação Física.

Por outro lado, alguns professores, mais atentos para uma formação mais completa do aluno, ao menos no que concerne à área, vislumbram a relevância da abordagem dos demais conteúdos, o que, obviamente, estabelece menor espaço para as modalidades esportivas, parecendo provocar certa frustração em parte dos alunos, ainda imersos no modelo de aulas de Educação Física/esporte ou ansiosos por praticarem uma atividade esportiva, impossibilitados de realizá-la num clube ou outro local apropriado, indo ao encontro, também, da expectativa social acerca das aulas.

Partindo, então, do significado social que é atribuído ao esporte e dos diversos temas com que deve dividir espaço nas aulas de Educação Física, pretendemos, com esta monografia, conferir relevância à formação de uma escola de esportes no interior da escola, desvinculada da grade curricular.

Nosso trabalho é composto de três capítulos. O primeiro, “Educação Física escolar”, aborda a questão das aulas como vêm sendo desenvolvidas no âmbito escolar e como entendemos que deva ser. O segundo capítulo, “O esporte no contexto escolar”, trata especificamente do conteúdo esporte e de seu espaço nas aulas.

Uma vez fundamentado o esporte, enquanto um dos conteúdos da Educação Física (e não o único), partimos para o terceiro capítulo, “O ensino do esporte: subsídios para uma metodologia”, o qual, baseado em propostas de dois autores, discorre sobre o desenvolvimento do esporte no âmbito escolar.

I. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A escola, independentemente da corrente pedagógica que norteia cada instituição, é o espaço por excelência, do conhecimento, da transmissão do saber; um saber sistematizado, devidamente organizado, relevante social e individualmente, que instigue o aluno a aprender. Afinal, é *“Papel da escola, da metodologia de ensino, do planejamento: organizar criativamente o conhecimento a ser tratado no tempo... produzir desafios com este desconhecido (...)”*¹.

Neste meio, a Educação Física vem a se constituir numa das disciplinas componentes do currículo escolar, a qual, de acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases, é obrigatória desde a educação infantil até o ensino médio². Sendo assim, suas aulas também devem contribuir para o enriquecimento do saber do aluno.

No entanto, é questionável a contribuição de tais aulas na formação do aluno, no interior da escola. Que espécie de conhecimento é pertinente à Educação Física? É o movimento? É a recreação? É o condicionamento físico? É o esporte? São as regras sociais?

Tais questionamentos são possíveis à medida em que não observamos um consenso entre os próprios professores de Educação Física acerca de qual vem a ser seu papel dentro da instituição de ensino. Um estudo realizado com professores da rede educacional do Estado de São Paulo³ reforça esta afirmação ao demonstrar, a partir de entrevistas com professores, não haver uma comunhão de idéias sobre as características da Educação Física (função, conteúdos particulares, objetivos específicos), colocando-a em dois extremos.

Com relação aos objetivos específicos, por um lado, de forma bastante restritiva, há os professores que têm bem definido qual é o objeto de trabalho da

¹ Carmen Lúcia SOARES, Educação Física escolar: conhecimento e especificidade, *Revista Paulista de Educação Física*, supl.2, p.6.

² Lei nº 9394/96, art.26º, parágrafo 3º: *“A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”*.

³ Jocimar DAOLIO, *Da cultura do corpo*.

Educação Física: o ensino dos esportes. É desse lado das aulas que nos deteremos neste trabalho, no segundo capítulo, com um pouco mais de atenção.

Por outro lado, entretanto, alguns professores a consideram como “salvadora” do homem, dotada de grande capacidade de transformá-lo, tendo influência em inúmeros aspectos (biológico, psicológico, motor, cognitivo, afetivo, social). Pode promover saúde, desenvolver habilidades físicas, incorporar regras sociais, trabalhar o movimento, qualquer que seja ele, além de auxiliar outras disciplinas etc. O seu mérito estaria justamente em não ter uma especificidade, atuando de forma global no desenvolvimento do aluno. Aí cabe a crítica: “*Como ela (a Educação Física) não ensina nada especificamente, pode ensinar tudo globalmente*”⁴. No entanto, é possível perceber no discurso desses professores, quando a questão é o conteúdo, que o esporte é o mais valorizado nas aulas⁵.

Concordamos com o desenvolvimento do esporte; não se trata aqui de excluí-lo. O que questionamos é a forma como é abordado e o espaço que lhe é destinado, em detrimento de outros conteúdos pertinentes à Educação Física. Esta não é uma discussão recente na área. Desde a década de 80, valorosas contribuições têm sido dadas (Betti, 1991; Bracht, 1992; Coletivo de Autores⁶, 1992, entre outros) no sentido de esclarecer melhor e deslocar nossos olhares para outros temas de trabalho que não só o esporte. No entanto, resgatamos o assunto apenas a título de esclarecer nossa linha de raciocínio.

Há alguma pretensão em legar à Educação Física funções tão amplas quanto as observadas acima. Há professores que defendem ainda ser o objetivo específico da Educação Física na escola, a formação integral do homem. Ora, este não vem a caracterizar-se como objetivo específico, mas sim como objetivo geral da Educação⁷, se não das instituições sociais como um todo (além da escola, a família, a igreja e outras), dado à sua magnitude e alcance.

⁴ Jocimar DAOLIO, *Da cultura do corpo*, p.71.

⁵ *Ibid.*, p.67.

⁶ São autores do livro *Metodologia do ensino de Educação Física*: Carmen Lúcia Soares, Elizabeth Varjal, Celi Nelza Zülke Taffarel, Lino Castellani Filho, Valter Bracht e Micheli Ortega Escobar.

⁷ De acordo com José Carlos LIBÂNEO, a educação escolar “(...) visa à assimilação de conhecimentos e experiências humanas acumuladas no decorrer da história, tendo em vista a formação dos indivíduos enquanto seres sociais (...)” (*Didática*, p.52).

Analisando-se a literatura da área, podemos destacar, no mínimo, três entendimentos acerca do objetivo da Educação Física. Um primeiro, de cunho desenvolvimentista, mais relacionado a uma dimensão biológica do desenvolvimento humano, considera ser o objeto de estudo da Educação Física, o movimento, ou melhor, a educação *do* movimento, considerando, mais especificamente o desenvolvimento de habilidades motoras⁸.

*Ao se partir do ponto de vista de que o movimento é o objeto de estudo e aplicação da Educação Física, o propósito de uma atuação mais significativa e objetiva sobre o movimento pode levar a Educação Física a estabelecer, como objetivo básico, o que se costuma denominar aprendizagem do movimento*⁹.

Outro entendimento, de influência construtivista, mais voltado para os aspectos cognitivo e afetivo do desenvolvimento humano, apesar de declarar preferência por uma “*educação de corpo inteiro*”¹⁰, parece, em seu discurso, defender uma educação *pelo* movimento, uma vez que, embora não descarte a aprendizagem de movimentos, considera que a Educação Física “*(...) precisa garantir que as ações físicas e as operações lógico-matemáticas que a criança usará nas atividades escolares e fora da escola possam se estruturar adequadamente*”¹¹. Os movimentos aprendidos, nesse sentido, serviriam de base para outras aquisições mais elaboradas, através das quais, outros movimentos mais difíceis seriam alcançados ou, até mesmo, outro tipo de aquisições, como as intelectuais ou sociais¹².

Embora apresentem caminhos metodológicos diferentes, ambos os entendimentos descaracterizam, de certa forma, a Educação Física. O primeiro, por restringir demais o seu campo de ação e o segundo, por envolvê-la em questões que consideramos serem secundárias ao seu desenvolvimento, ou seja, questões que,

⁸ Go TANI et alii, *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*.

⁹ *Ibid.*, p.64.

¹⁰ João Batista FREIRE, *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*, p.84.

¹¹ *Ibid.*, p.24.

¹² *Ibid.*, p.84.

embora possam estar contempladas quando do desenvolvimento da Educação Física, não caracterizam seu objetivo primeiro.

Essa visão instrumentaliza os conteúdos da Educação Física, uma vez que estes serviriam apenas como meio para desenvolver “habilidades”, sejam motoras, cognitivas ou afetivas, não tendo um sentido em si, enquanto conhecimento, histórica e socialmente construído. Sob essa perspectiva, o conhecimento que a Educação Física trata, “(...) *se traduz num saber fazer, num realizar corporal*”¹³ somente.

Um terceiro entendimento, denominado crítico-superador, mais ligado à dimensão social do homem, considera que o universo de ação da Educação Física abarca as formas culturais da atividade física. Nesse sentido, objetiva incorporar o aluno “(...) *no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais de atividade física* (...)”¹⁴.

Sendo assim, a Educação Física não se restringe apenas à educação *do* ou à educação *pelo* movimento, mas as engloba, estendendo-se à educação do indivíduo enquanto ser social que transforma e é transformado pela sociedade. Sob essa perspectiva, o conhecimento que a Educação Física encerra, além das formas de um realizar corporal, é também “(...) *um saber sobre este realizar corporal*”¹⁵.

É tomando como referência este último entendimento que, em nossos estudos, abordaremos as questões pertinentes à Educação Física.

No interior da instituição escolar, o conhecimento deve ser organizado de forma a assumir as características escolares, com todo o seu valor e abrangência, sendo a aula, o melhor espaço para organizá-lo. Entendendo-se aula como “(...) *o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo da aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos*”¹⁶. Nesse sentido, as

¹³ Valter BRACHT, Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade, *Revista Paulista de Educação Física*, supl.2, p.25.

¹⁴ Mauro BETTI, Ensino de 1º e 2º graus: Educação Física para que? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.13, n.2, p.285.

¹⁵ Valter BRACHT, Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade, *Revista Paulista de Educação Física*, supl.2, p.25.

¹⁶ José Carlos LIBÂNEO, *Didática*, p.177.

aulas de Educação Física constituem-se como o espaço da assimilação de conteúdos específicos a ela e suas diversas manifestações na prática social.

E como identificar esse conhecimento específico? O trato com o conhecimento supõe alguns princípios curriculares, a fim de eleger e sistematizar o que é pertinente como conteúdo de ensino.

Em primeiro lugar, se faz necessário identificar a ‘relevância social do conteúdo’¹⁷, ou seja, seu sentido e significado para a reflexão pedagógica e para a realidade do aluno. Este princípio é um dos mais importantes a serem levados em consideração no momento da seleção dos conteúdos, pois significa interagir o saber escolar com a vida cotidiana do aluno.

*A relevância social dos conteúdos significa incorporar no programa as experiências e vivências das crianças na sua situação social concreta, para contrapor a noção de uma sociedade idealizada e de um tipo de vida e de valores distanciados do cotidiano das crianças que, freqüentemente, aparecem nos livros didáticos*¹⁸.

O princípio da relevância social do conteúdo se relaciona a outro, o da ‘contemporaneidade do conteúdo’¹⁹, que deve assegurar ao aluno o saber do que existe de mais moderno na sociedade. Isso não significa, no entanto, negar o que existe de conhecimento clássico, o qual “(...) *não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos, ao atual, é aquilo que se firmou como fundamental, essencial*”²⁰, possuindo, portanto, algo de contemporâneo.

Outro princípio a ser levado em consideração é o da ‘adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno’²¹. Adequar o conteúdo à capacidade cognitiva do aluno sugere a conciliação do conhecimento com o grau de desenvolvimento mental, ou mesmo, com o nível de preparo dos alunos, sem a qual,

¹⁷ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do Ensino da Educação Física*, p.31.

¹⁸ José Carlos LIBÂNEO, *Didática*, p.143.

¹⁹ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do Ensino da Educação Física*, p.31.

²⁰ Dermeval SAVIANI, *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*, p.21.

²¹ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do Ensino da Educação Física*, p.31.

torna-se impossível e sem sentido, a apreensão do conhecimento por parte do aluno. Apreensão no sentido de constatar um dado da realidade, interpretá-lo, compreendê-lo e explicá-lo²².

Se os conteúdos são acessíveis e didaticamente organizados, sem perder o caráter científico e sistematizado, haverá mais garantia de uma assimilação sólida e duradoura, tendo em vista a sua utilização nos conhecimentos novos e a sua transferência para as situações práticas²³.

Com relação à organização metodológica da transmissão dos conteúdos de ensino, destaca-se o princípio do ‘confronto de saberes’²⁴, ou seja, a contraposição do saber popular com o saber escolar, forma mais científica de conhecimento, o que deve estimular o aluno a ultrapassar, continuamente, o senso comum, de maneira a construir uma reflexão mais elaborada.

Outro princípio a ser ressaltado é o da ‘simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade’²⁵, o que se opõe à forma como os conteúdos são geralmente apresentados, ou seja, série a série, com um aumento aparente do grau de complexidade, levando a uma visão fragmentada do assunto e deslocando o aluno da compreensão da totalidade dos dados da realidade, os quais possuem uma lógica interna e ficam desprovidos de sentido se entendidos isoladamente.

Também o princípio da simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade relaciona-se a um outro, que é o da ‘espiralidade da incorporação das referências do pensamento’²⁶. O conhecimento transmitido de forma integrada ao longo da vida escolar, vai sendo assimilado à medida que as relações do pensamento vão se ampliando. Dessa forma, o saber anterior não é negado e descartado, mas sim superado pela assimilação do novo.

²² Apreensão no sentido definido por Lino CASTELLANI FILHO, Pelos meandros da Educação Física, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.14, n.3, p.120.

²³ José Carlos LIBÂNEO, *Didática*, p.145.

²⁴ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.31.

²⁵ *Ibid.*, p.32.

²⁶ *Ibid.*, p.33.

Há também que ser levado em conta, o princípio da ‘provisoriedade do conhecimento’²⁷. Este princípio reforça a relevância do resgate da historicidade do conteúdo, para que o aluno se projete e se perceba enquanto sujeito que constrói e é construído pela história, a qual é reinterpretada incessantemente, uma vez que, sendo sua interpretação algo subjetivo, sua compreensão se dá de forma diferenciada em cada época, por cada grupo social.

Baseados na compreensão dos princípios curriculares, podemos apontar caminhos para o desenvolvimento dos conteúdos ao longo de todos os níveis escolares, a partir da organização destes em ciclos de escolarização²⁸, considerados desde a educação infantil até o ensino médio.

Esse entendimento busca superar a idéia da divisão do ensino em séries e da apresentação do conteúdo de forma gradual e isolada. “*Nos ciclos, os conteúdos de ensino são tratados simultaneamente, constituindo-se referências que vão se ampliando no pensamento do aluno, de forma espiralada (...)*”²⁹, buscando a apreensão do conhecimento, a partir da garantia um tempo pedagógico suficientemente adequado para sua assimilação. São quatro os ciclos, cuja divisão consideramos estar muito relacionada com o desenvolvimento da inteligência do indivíduo.

O primeiro, ‘*ciclo de organização da identidade dos dados da realidade*’³⁰, compreende o período que vai da educação infantil à 3ª série do ensino fundamental. Aqui, a criança se encontra na fase da experimentação, do contato mais efetivo com as coisas do mundo, que ainda se restringe às coisas com as quais ela convive e consegue representar (muitas vezes fantasiando, simbolizando). É necessário organizar com ela os dados da realidade, oportunizando diversos meios de ação, a fim de propiciar, além da realização de ações, a compreensão do seu sentido e de suas inúmeras formas.

²⁷ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.33.

²⁸ Baseamo-nos nas considerações feitas pelo Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.35. Para completar nossas idéias, no entanto, utilizamos as considerações de Jocimar DAOLIO, em “Educação Física escolar: em busca da pluralidade” (*Revista Paulista de Educação Física*, supl.2., pp.40-42) que, embora não considere a divisão em ciclos exatamente, considera as séries iniciais do ensino fundamental (as quais, entendemos, corresponderia ao primeiro ciclo), as séries intermediárias (as quais corresponderiam ao segundo ciclo) e as séries finais do ensino fundamental e as três séries do ensino médio (as quais corresponderiam ao terceiro e quarto ciclos).

²⁹ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.34.

³⁰ *Ibid.*, p.35.

Com relação às aulas de Educação Física, é o momento de oportunizar o contato com o maior número de experiências motoras “(...) a fim de que o aluno explore sua capacidade de movimentação, descubra novas expressões corporais, domine seu corpo em várias situações, experimente ações motoras com novos implementos, ritmos variados, etc.”³¹ e assim, adquira um repertório motor variado e um conhecimento maior sobre suas ações.

O segundo ciclo, ‘*ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento*’³², vai da 4ª à 6ª séries. Nesta fase, o aluno começa a ser capaz de interagir com sistemas e teorias, quebrando a barreira da convivência com sua realidade prática estritamente, considerando a existência de hipóteses. Aqui, a representação que a criança tem das coisas já não é mais isolada, já não se caracteriza como fantasiosa, mas sim como relações estabelecidas com os dados da realidade.

Sendo assim, as aulas de Educação Física podem “(...) propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma série de relações com o espaço, com bolas, com implementos, com o colega, com o grupo, com o ritmo (...)”³³, de forma a levar os alunos a estabelecerem suas relações entre as formas de movimento já existentes e as que podem ser por eles construídas, conferindo assim, mais sentido e significado para o seu envolvimento.

O terceiro, ‘*ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento*’³⁴: abarca o período compreendido entre a 7ª e a 8ª séries. As referências do pensamento do aluno vão se ampliando, permitindo estabelecer relações mais elaboradas entre os dados da realidade prática e a atividade teórica.

O último ciclo, ‘*ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento*’³⁵, compreende as três séries do ensino médio. Neste período, o indivíduo tem condições de refletir sobre as coisas, entendendo-se dentro de um contexto social, sendo capaz de apreender os dados da realidade.

³¹ Jocimar DAOLIO, Educação Física escolar: em busca da pluralidade, *Revista Paulista de Educação Física*, supl.2, p.41.

³² Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.35.

³³ Jocimar DAOLIO, Educação Física escolar: em busca da pluralidade, *Revista Paulista de Educação Física*, supl.2, p.41.

³⁴ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.35.

³⁵ *Ibid.*, p.35.

Nestes dois últimos ciclos, dadas as características cognitivas dos alunos, já se pode trabalhar com a Educação Física, não só sob a perspectiva da vivência, mas também da reflexão sobre os conteúdos a ela pertinentes, no caminho de garantir a apreensão dos conteúdos enquanto conhecimento construído também pelo aluno.

Entendido melhor como selecionar os conteúdos, cabe-nos voltar a atenção para a especificidade da Educação Física. Como já citado anteriormente, podemos dizer que a Educação Física trata do conhecimento relativo à cultura física (ou cultura corporal ou cultura de movimento)³⁶, buscando

(...) desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas³⁷.

A fim de dar um tratamento escolar aos conteúdos de ensino da Educação Física escolar, levando-se em conta os princípios curriculares tratados anteriormente, podem ser eleitas as formas institucionalizadas de atividade corporal³⁸, como demonstra o esquema:

³⁶ Embora estes termos não sejam sinônimos e sejam utilizados com embasamentos teóricos distintos, por autores diferentes, todos consideram ser uma dimensão da cultura humana que engloba as atividades corporais construídas e desenvolvidas histórica e socialmente, imbuídas de sentido e significado próprios. Mauro BETTI (*Educação Física e sociedade*, 1991) se utiliza do termo cultura física; o Coletivo de AUTORES (*Metodologia de ensino da Educação Física*, 1992), do termo cultura corporal e Valter BRACHT (*Educação Física e aprendizagem social*, 1992) lança mão do termo cultura de movimento. Utilizamos-nos dos termos, portanto, a partir das semelhanças que guardam entre si.

³⁷ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.38.

³⁸ *Ibid.*, p.40.

CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



Embora esses conteúdos apresentem-se com grande amplitude, exigindo, para a abordagem na escola, a seleção de alguns temas, a qual dar-se-á de acordo com as características de cada sociedade ou, até mesmo, de cada comunidade, é possível extrair, de cada um, algo de essencial que não pode deixar de estar presente nos planos de aula da disciplina Educação Física.

Cada um dos conteúdos pertinentes à Educação Física (o jogo, a dança, o esporte, a luta e a ginástica) merece especial atenção e o desenvolvimento de um estudo cuidadoso. Pois só conhecendo os temas de trabalho de nossa área, é que podemos, enquanto professores de Educação Física, transmiti-los com maior propriedade. Buscamos, com o presente trabalho, discorrer sobre o esporte com um pouco mais de atenção, por ser a atividade hegemônica desenvolvida nas aulas.

II. O ESPORTE NO CONTEXTO ESCOLAR

No capítulo anterior discutimos a Educação Física escolar de uma forma mais abrangente, buscando entender seus objetivos e conteúdos. Neste capítulo, pretendemos abordar, mais especificamente, o conteúdo esporte, que tem se caracterizado como atividade hegemônica nas aulas, em detrimento dos demais conteúdos.

Observamos que, seja por uma formação acadêmica mais inclinada para o esporte ou por uma experiência de vida voltada para ele, seja por uma confusão cultural entre Educação Física e esporte ou pelo *status* adquirido por ele ao longo da história em nossa sociedade, grande parte dos professores desenvolve apenas as modalidades esportivas como conteúdo de suas aulas, em geral, visando ao rendimento, a aptidão física, o desenvolvimento de técnicas determinadas. E ainda assim, apenas algumas das modalidades, tendo em vista a gama variadíssima existente.

Um resgate histórico nos dá mostras da orientação seguida pela Educação Física enquanto disciplina escolar e da influência do esporte em sua orientação, contribuindo para a confusão entre estes dois fenômenos.

A Educação Física na escola surge praticamente com a formação da própria escola. No Brasil, por volta das quatro primeiras décadas deste século, principalmente, recebe forte influência dos métodos ginásticos europeus (principalmente o sueco e o francês) adotados pelas instituições militares. Assim, a ginástica caracteriza-se como a atividade hegemônica nas aulas de Educação Física; aulas essas, estritamente práticas e fortemente associadas à instrução militar.

Nesse contexto, a justificativa para a presença da Educação Física na instituição de ensino está, com suporte nos ideais militares, na sua contribuição para o desenvolvimento da aptidão física e para a formação do caráter dos homens ou, em última análise, para a promoção da saúde. O papel do professor está centrado no instrutor militar, cabendo ao aluno, o papel de recruta³⁹.

³⁹ Valter BRACHT, *Educação Física e aprendizagem social*, p.20.

Os objetivos da Educação Física integram-se aos objetivos gerais da instituição escolar, os quais atendem aos propósitos do projeto político da época, o Estado Novo. Reproduzindo os códigos da formação física militar, a Educação Física não se desenvolve enquanto área de conhecimento, ficando subordinada aos interesses do estado expressos pela instituição militar.

Com o surgimento das primeiras escolas civis de formação de professores de Educação Física e o fim do Estado Novo, logo após a II Guerra Mundial, os métodos ginásticos vão cedendo espaço ao esporte, cuja influência se alastra rapidamente, alterando (de forma a esportivizar) até outras manifestações de movimento, como as lutas e os exercícios ginásticos, por exemplo.

Novamente, a Educação Física assume códigos de outra instituição, a esportiva, cujos resquícios se fazem presentes até os dias de hoje, tendo seus objetivos centrados também na aptidão física e nos aspectos higiênicos da formação do homem, visando ao rendimento, ao desenvolvimento de técnicas determinadas (movimentos bastante específicos), à formação de atletas. Nesse contexto, o professor assume as características de treinador, o aluno, as de atleta e a escola se integra de tal forma aos ideais esportivos que vem a se constituir como o local de descoberta de talentos, como a base da formação esportiva⁴⁰.

Dessa forma, a atividade esportiva caracteriza-se como o esporte *na* escola (impondo livremente todos os seus códigos e significados particulares) e não como o esporte *da* escola (que guarda características diferenciadas e adequadas aos princípios pedagógicos escolares). Essa perspectiva chega a interferir, de certa forma, na divisão das turmas por sexo, como ocorre com as modalidades esportivas, admitindo como única adaptação ao sistema, a divisão etária em função dos anos escolares⁴¹.

Até aqui então, observamos que o foco central da Educação Física constitui-se na educação *do* movimento, movimento este que se pretendia padronizado e destituído de qualquer reflexão.

⁴⁰ Valter BRACHT, *Educação Física e aprendizagem social*, p.23.

⁴¹ *Ibid.*, p.22.

Este período da Educação Física pode ser entendido como “biologicista”, uma vez que reduz “(...) o estudo da compreensão e explicação do Homem em movimento apenas ao seu aspecto biológico, dissociando-o - como se fosse possível fazê-lo (...) dos demais aspectos que consideram o movimento humano, antropológicamente considerado”⁴².

Este tipo de orientação coaduna-se com os ideais propostos pela escola tradicional, onde o processo de ensino-aprendizagem está centrado na figura do professor enquanto detentor do conhecimento, sendo o aluno, o mero receptor desse conhecimento.

Essa forma de compreensão da Educação entende como indivíduo marginalizado da sociedade, o ignorante⁴³. Ao contrário do que pregava a pedagogia tradicional (mesmas condições educacionais para todos), se associarmos à esportivização da Educação Física, isso acaba por privilegiar os alunos mais habilidosos, mais aptos para a atividade esportiva (ou menos ignorantes “motoramente”), em detrimento de todos os outros alunos frequentadores das aulas, tornando-a elitista e preconceituosa, uma prática incabível no interior da escola que se deseja acessível a todos os indivíduos.

Atentamos, entretanto, para o fato de que, tanto os exercícios ginásticos de orientação militar, quanto as atividades de natureza esportiva, embora restritivos, mantinham uma especificidade para a Educação Física, deixavam bastante claro o conteúdo a ser transmitido nas aulas.

Por volta das décadas de 70 e 80, no entanto, novos movimentos surgem no sentido de conferir um novo objetivo à Educação Física. Um deles é o da Psicomotricidade, que considera, “(...) através do exercício, desencadear mudanças de hábitos, idéias e sentimentos”⁴⁴. É a educação *pelo* movimento que, embora esteja contemplada na Educação Física, a instrumentaliza, em detrimento da construção de um corpo de conhecimento próprio. Esse período, que ainda se estende aos dias de hoje também, caracteriza-se por uma “psico-pedagogização”⁴⁵ da Educação Física,

⁴² Lino CASTELLANI FILHO, *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*, p.218.

⁴³ Dérmeval SAVIANI, *Escola e democracia*, p.18.

⁴⁴ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.55.

⁴⁵ Lino CASTELLANI FILHO, *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*, p.218.

uma vez que esta agiria sobre os aspectos psicológicos, motores, afetivos e cognitivos do indivíduo.

Essa perspectiva alinha-se à orientação da escola nova, cujo foco central está no aluno enquanto ser capaz de aprender a aprender, sendo o professor o facilitador, o estimulador dessa aprendizagem. Aqui, o indivíduo marginalizado da sociedade é o rejeitado, aquele que não tem a aceitação e o respeito de seus semelhantes⁴⁶. A Educação Física, a partir do trabalho com o movimento, atuaria nos aspectos afetivos e cognitivos do desenvolvimento humano e contribuiria à medida em que privilegiasse a socialização, a participação dos alunos etc.

Nesse sentido, a Educação Física afirma-se como um instrumento. *“Um meio para aprender Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências... era um meio para a socialização”*⁴⁷. A Educação Física perde então, sua especificidade, passando a ser um conjunto de meios.

Os anos 90 trouxeram uma discussão mais crítica em torno da Educação Física. Passa-se a buscar a sua especificidade de fato, a partir da sua orientação enquanto processo social; mas agora, de seu interior para fora e não mais de fora para dentro, como vinha ocorrendo. Passa-se a buscar quais são de fato as atividades corporais, cujos códigos refletem a atividade humana, a partir de seus significados e sentido, dentro de um processo histórico e cultural. Passa-se a considerar que

*(...) o corpo sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma época e a compreensão do significado desse 'discurso', bem como de seus determinantes, é condição para que ele possa vir a participar do processo de construção do seu tempo e, por conseguinte, da elaboração dos signos a serem gravados em seu corpo*⁴⁸.

⁴⁶ Dermeval SAVIANI, *Escola e democracia*, p.20.

⁴⁷ Carmen Lúcia SOARES, Educação Física escolar: conhecimento e especificidade, *Revista Paulista de Educação Física*, supl.2, p.6.

⁴⁸ Lino CASTELLANI FILHO, *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*, p.221.

Esse entendimento da Educação Física sugere a garantia de uma autonomia do aluno em relação aos conteúdos de trabalho da Educação Física e não mais a prática descolada de uma reflexão que lhe dê suporte.

O quadro abaixo demonstra o movimento da Educação Física escolar ao longo deste século, no Brasil.

QUADRO DO MOVIMENTO DO PENSAMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR - A EDUCAÇÃO FÍSICA E SEU CONTEÚDO DE ENSINO NO TEMPO⁴⁹

Movimento do pensamento na Educação Física	Cronologia	Conteúdo a ser ensinado na escola
Movimento ginástico europeu	Início do século XX	Ginástica que compreendia exercícios militares
Movimento esportivo	Afirma-se a partir de 1940, até os dias de hoje	Esporte
Psicomotricidade	Afirma-se a partir dos anos 70, até os dias de hoje	Condutas motoras
Cultura corporal Cultura física Cultura de movimento	Tem início no decorrer da década de 80, até os nossos dias	Ginástica, esporte, jogo, dança, lutas.

Embora o quadro acima apresente uma ordem cronológica, isto não significa que um movimento tenha ocorrido a partir da superação do outro. A partir do movimento esportivo, juntamente com ele, os demais convivem lado a lado, menos ou mais representados em nossa sociedade.

⁴⁹ Adaptado de Carmen Lúcia SOARES, Educação Física escolar: conhecimento e especificidade, *Revista Paulista de Educação Física*, supl.2, p.6.

De uma maneira geral, apesar de todo o movimento ocorrido no interior da Educação Física, os conteúdos de características esportivas foram hegemônicos, reforçando a confusão entre Educação Física e esporte.

Nessa perspectiva, muitas influências, obviamente, se fazem presentes na formação dos professores que acabam por considerar o seu objeto de trabalho, o ensino das modalidades esportivas.

Um estudo realizado com professores da rede de ensino do Estado de São Paulo⁵⁰ revela que *“Na faculdade, esses alunos (os professores entrevistados) se identificam com o currículo, predominantemente técnico-desportivo”*⁵¹, reproduzindo o modelo de formação esportiva em suas aulas e direcionando todo o planejamento para o ensino das modalidades esportivas.

Alguns professores não consideram o ensino do esporte como objetivo maior da Educação Física, mas sim a formação integral do homem. No entanto, o discurso desses professores, evidencia que é através do esporte que buscam desenvolver regras sociais e comportamentais nos alunos⁵². Esse tipo de entendimento tem sido utilizado como justificativa, por muitos professores, para a manutenção da Educação Física nos currículos escolares.

Nesse quadro, como apenas o esporte é desenvolvido nas aulas, em detrimento de todos os outros conteúdos, também os alunos são levados a incorporarem esse entendimento de Educação Física e esporte enquanto sinônimos; das aulas de Educação Física enquanto espaço para aprender habilidades de modalidades esportivas. E o que é mais grave: em geral, apenas algumas modalidades são desenvolvidas, como os jogos coletivos futebol, handebol, basquetebol e voleibol.

Os alunos que tomam contato com o esporte na escola, acabam por fazê-lo através de modelos reprodutivistas de aulas há muito existentes ou praticando de forma repetitiva exercícios técnicos determinados. Muitas vezes, os alunos acabam indo jogar qualquer coisa, simplesmente, onde participam apenas os mais habilidosos ou os que gostam do esporte em questão, sem que sua lógica particular faça algum sentido para eles. Dessa forma, as modalidades são distribuídas aleatoriamente ao

⁵⁰ Estudo já citado na página 3 do presente trabalho. Jocimar DAOLIO, *Da cultura do corpo*.

⁵¹ *Ibid.*, p.63.

⁵² Jocimar DAOLIO, *Da cultura do corpo*, p.69.

longo dos anos escolares, levando os alunos a uma visão empobrecida de cada modalidade e do esporte como um todo, o que impede a apreensão da dinâmica do esporte, seus determinantes, seu sentido dentro da escola e como fenômeno social.

Os alunos acabam praticando por praticar ou acabam por tornarem-se meros consumidores passivos do esporte; ambos os casos, desprovidos de uma reflexão, uma compreensão, uma crítica, que sustente a prática ou o consumo. Há ainda os que se desagradam de tal forma com a atividade física (por não estar no círculo dos mais habilidosos, por não terem tido boas experiências ou por conhecer muito pouco das modalidades) que terminam por negá-la em seu meio, seja na forma da prática ou do consumo.

A tentativa de se desenvolver todos os conteúdos da Educação Física ao longo da vida escolar apresenta, sem dúvidas, alguma dificuldade; ainda mais sob a perspectiva dos conteúdos enquanto temas de uma área do conhecimento. Além de, muitas vezes, os professores ignorarem os demais conteúdos ou uma possível forma de desenvolvê-los, também os alunos, acostumados às aulas estritamente práticas, desprovidas de reflexão, apresentam alguma resistência à abordagem dos demais conteúdos por entenderem não serem pertinentes às aulas de Educação Física, mas sim às aulas de academias ou coisa que o valha. Para o desenvolvimento do esporte “(...) se apresenta a exigência de ‘desmitificá-lo’ através da oferta, na escola, do conhecimento que permita aos alunos criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural”⁵³.

Contribuí para a dificuldade da abordagem dos demais conteúdos, a ascensão do esporte em nossa sociedade, veiculado pela mídia, sobretudo o esporte-espetáculo. “A mídia gera uma nova hierarquia de valores e determina em grande medida a atitude do consumidor e tem grande efeito na prática do esporte em si (...)”⁵⁴, desenvolvendo nos alunos (que, em grande parte, tomam seu primeiro contato com o esporte através da mídia) uma expectativa em torno das aulas de Educação Física enquanto espaço para essa prática esportiva, enquanto espaço para desenvolver aquele esporte assistido na televisão.

⁵³ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.71.

⁵⁴ Weis apud Mauro BETTI, *Cultura corporal e cultura esportiva*, *Revista Paulista de Educação Física*, v.7, n.2, p.49.

Todavia, o esporte-espetáculo, o esporte de alto rendimento não é o mais adequado para ser desenvolvido no âmbito escolar, uma vez que apresenta regras extremamente definidas (impedindo que estas sejam desenvolvidas com os alunos); é elitista (à medida em que seleciona os alunos mais habilidosos); possui técnicas bastante determinadas (o que não oportuniza sua construção juntamente com os alunos), dificultando a construção de um corpo de conhecimentos pertinente ao espaço escolar, acompanhada de uma apreensão desse conhecimento por parte do aluno.

Além do mais, independente da forma que se apresente na escola, apesar do destaque que possui na sociedade, o esporte não dá conta de abarcar as necessidades educacionais acerca das práticas corporais. Entendemos que seu desenvolvimento enquanto “(...) *prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal e se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica*”⁵⁵, sem dúvidas, se faz necessário e pertinente. No entanto, desde que assuma um caráter escolar e esteja associado aos outros temas da Educação Física, dividindo espaço com eles, a fim de garantir o conhecimento do esporte e dos elementos da cultura corporal de forma mais completa e não a mera prática esportiva. A prática esportiva mais efetiva pode se dar de outra forma que não nas aulas de Educação Física.

Buscaremos, no capítulo seguinte, discorrer sobre algumas propostas para o desenvolvimento do esporte *da* escola, a partir de um tratamento pedagógico.

⁵⁵ Coletivo de AUTORES, *Metodologia do ensino da Educação Física*, p.70.

III. O ENSINO DO ESPORTE: SUBSÍDIOS PARA UMA METODOLOGIA

Tratamos, no capítulo anterior, da predominância do esporte nas aulas de Educação Física e do seu desenvolvimento desprovido de um caráter pedagógico. Entendemos que o esporte é realmente um fenômeno social, sobretudo o futebol, que se faz presente em todas as camadas sociais do nosso país. Todavia, é apenas um dos conteúdos da Educação Física. Não se trata, portanto, de excluí-lo das aulas, mas dar-lhe o espaço adequado, dividido com os demais conteúdos, além de um tratamento pedagógico que lhe confira relevância para a formação dos alunos no interior da escola.

Cabe à Educação Física escolar levar o aluno a conhecer a lógica interna do esporte, de uma forma mais ampla, bem como seus determinantes sociais, inserido num contexto cultural e histórico, a partir da vivência dos movimentos e das situações particulares das modalidades selecionadas. Enfim, cabe oportunizar ao aluno a prática consciente e refletida e, se não for de seu interesse a prática, o consumo ativo, ou seja, crítico, embasado numa reflexão consistente.

O esporte só terá um caráter educativo à medida em que se fizer dele um objeto e um meio de educação, integrado pela prática e pela reflexão⁵⁶. Sob essa perspectiva podemos pensar num ensino que

(...) através da ampliação de conhecimentos de pedagogia de esportes, terá a finalidade de possibilitar um desenvolvimento ao aluno, onde o esporte não se restringe a um 'fazer' mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas torna-se um compreender, um incorporar, um aprender atitudes, habilidades e conhecimentos que o levem a dominar os valores e padrões da cultura esportiva (...)⁵⁷.

⁵⁶ Beibenoit apud Mauro BETTI, *Educação e sociedade*, p.53.

⁵⁷ Alcides José SCAGLIA, *Escolinha de futebol: uma questão pedagógica*. *Revista Motriz*, v.2, n.1, pp.36-37.

Para que assim realmente ocorra, é necessário levar em consideração o ciclo de escolarização que se encontra o aluno, bem como adequar o programa às suas capacidades sócio-cognoscitivas e motoras.

Analisando-se a literatura da área, encontramos duas propostas para o desenvolvimento do programa esportivo⁵⁸ que nos chamou a atenção. Embora ambas refiram-se ao ensino dos jogos coletivos com bola, mais especificamente, futebol, handebol, basquetebol e voleibol, elas partem das semelhanças existente entre essas modalidades e da possibilidade de transferência das habilidades aprendidas de uma para outra modalidade. Acreditamos ser possível, de forma adaptada, extrair das duas propostas aspectos facilitadores para o desenvolvimento do esporte de uma forma mais geral.

Uma delas, desenvolvida por Roberto Paes, divide o processo de ensino-aprendizagem do esporte em quatro etapas⁵⁹. Essa proposta não considera os ciclos de escolarização, mas o agrupamento das séries do ensino fundamental:

- Pré-iniciação (abrange a 1ª e 2ª séries);
- Iniciação I (abrange a 3ª e 4ª séries);
- Iniciação II (abrange 5ª e 6ª séries);
- Iniciação III (compreende 7ª e 8ª séries).

Essa proposta compreende, no primeiro período do processo (a pré-iniciação), o desenvolvimento do domínio de corpo e manipulação de bola (o qual poderíamos adaptar para a manipulação de materiais diversos, de variadas formas, pesos e tamanhos). A partir do maior número de propostas de trabalho corporal e o contato com grande número de materiais (bolas, arcos, cordas, garrafas, jornais, bastões, traves, escadas, entre muitos outros) e suas diversas formas de utilização, objetiva-se garantir ao aluno a aquisição de grande experiência motora.

O conteúdo mais adequado a ser aplicado nesse período ainda não é o esporte em si, mas o jogo, por favorecer e estimular a motivação das crianças para a

⁵⁸ Roberto Rodrigues PAES, *Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental* (tese de doutorado) e Júlio GARGANTA, *Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos*. In: GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (orgs.) *O ensino dos jogos desportivos*.

⁵⁹ Roberto Rodrigues PAES, *Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental*, p.110.

aprendizagem. O autor trata do “*jogo possível*”⁶⁰, ou seja, aquele utilizado como facilitador para a aprendizagem dos esportes, acessível a todos os alunos, que pode estar presente ao longo de todos os períodos de aprendizagem.

Não devemos, no entanto, considerar que, ao utilizarmos o conteúdo jogo como meio facilitador para a aprendizagem dos esportes, estamos esgotando o seu desenvolvimento. O jogo a que nos referimos enquanto conteúdo da Educação Física escolar, embora possa ser utilizado como instrumento para a aprendizagem dos demais conteúdos, não se esgota aí. Também possui características próprias que o definem, cujos aspectos devem ser explorados, sendo o mais importante deles a ludicidade.

Jogo é uma atividade de ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente concebidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida quotidiana’⁶¹.

No segundo período (iniciação I), Paes entende ser adequado o desenvolvimento de movimentos mais comuns entre as modalidades, como o passe, a recepção e o drible (exceto no voleibol)⁶². Acreditamos, transferindo para os demais esportes, ser o momento de desenvolver a relação entre os variados movimentos já trabalhados anteriormente e os mais particulares de cada modalidade esportiva, visando vivenciar as diferentes manifestações desses movimentos. Nesta fase ainda, os jogos constituem-se como fundamental para o desenrolar da aprendizagem.

No terceiro período (iniciação II), o autor considera o desenvolvimento de fundamentos mais específicos de cada modalidade⁶³. É o início, de certa forma, de

⁶⁰ Roberto Rodrigues PAES, *Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental*, p.80.

⁶¹ J. HUIZINGA, *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*, p.33.

⁶² Roberto Rodrigues PAES, *Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental*, p.123.

⁶³ *Ibid.*, p.130.

uma especialização, uma vez que o aluno começa a tomar contato com as características mais particulares de cada modalidade.

O quarto período (iniciação III) é considerado pelo autor o momento de propiciar o contato com as situações mais particulares que definem cada modalidade⁶⁴. É o último estágio da aprendizagem, quando o aluno se defronta com as organizações técnicas e táticas (quando o esporte exigir) que caracterizam a modalidade de sua escolha.

Outra proposta a que nos referimos, desenvolvida por Júlio Garganta, vem a completar a primeira, uma vez que, embora sejam diferentes, reservam muitas semelhanças no que diz respeito à possibilidade de assimilação do esporte por parte do aluno.

Garganta, ao invés de dividir o processo de ensino aprendizagem em quatro etapas, como faz Paes, considera a necessidade da decomposição do processo em níveis de relação⁶⁵. Essa decomposição nada mais é do que a “desconstrução” dos elementos constituintes das modalidades esportivas, para oportunizar uma posterior reconstrução, juntamente com os alunos. O autor parte dos pontos comuns existentes entre as modalidades, sugerindo a possibilidade de uma “prática transferível”⁶⁶, onde os alunos, tendo assimilado os princípios comuns das modalidades, poderiam transferir seus conhecimentos de um esporte a outro, evitando uma especialização precoce, uma atenção centrada nas técnicas de um único esporte.

Adaptando as idéias do autor, para o esporte, de uma maneira mais geral, teríamos os seguintes níveis de relação:

1. Eu - espaço:

Esse nível subentende a maior diversidade de trabalho corporal possível, em conjunto com a utilização do espaço.

⁶⁴ Roberto Rodrigues PAES, *Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental*, p.136.

⁶⁵ Júlio GARGANTA, Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (orgs.) *O ensino dos jogos desportivos*, p.21.

⁶⁶ *Ibid.*, p.16.

2. Eu - espaço - grupo:

Exploração das diversas possibilidades de movimentar-se diante da presença ou em harmonia com outros indivíduos. Esse nível, bem como o anterior, acreditamos, correspondem ao desenvolvimento do domínio de corpo sugerido por Paes.

3. Eu - espaço - material:

O autor não se refere à utilização de materiais de uma forma generalizada, mas à bola. No entanto, acreditamos que esse nível se relaciona ao período de manipulação de bola proposto por Paes, o qual, sugerimos, seja de materiais diversos, próprios de determinados esportes ou alternativos. É o contato com diversos materiais, a partir das possibilidades corporais já exploradas.

4. Eu - espaço - (material) - movimentos particulares:

Consideramos que este nível mantenha relação com o segundo período sugerido por Paes (iniciação I). Aqui, a atenção passa a centrar-se mais nos movimentos particulares das modalidades, mas ainda de forma genérica, podendo haver a presença de materiais ou não.

5. Eu - espaço - (material) - adversário;

A presença de um adversário sempre existirá, dentro de qualquer esporte, dado ao seu caráter competitivo. Cabe aqui, levar o aluno a se familiarizar com a presença do adversário, de forma direta, como ocorre, por exemplo, no futebol ou indireta, como ocorre na ginástica artística.

6. Eu - espaço - (material) - (companheiro) - adversário:

Esse nível sugere o desenvolvimento da noção de equipe e coletividade quando for o caso, quando do esporte a ser desenvolvido fizer parte a presença de companheiros de equipe. Sugere também a contraposição da noção de coletividade com a noção de equipe adversária.

7. Eu - espaço - (material) - (equipe) - adversários:

Esse nível refere-se à aplicação dos princípios do esporte propriamente dito, numa integração mais completa dos fatores que o envolvem.

Através dos níveis de relação, busca-se associar o modo de fazer às razões de fazer de cada esporte. Nesse sentido, busca-se desviar a atenção das técnicas fechadas (que não admitem adaptações e, portanto, nem sempre estão adequadas às situações imprevisíveis que possam surgir quando da prática de determinada modalidade), geralmente desenvolvidas por meio de exaustivos exercícios repetitivos, para o entendimento da lógica particular dos esportes, desenvolvido por meio de atividades prazerosas para os alunos e que confirmem sentido à sua prática.

Nessa perspectiva, também “(...) o jogo deverá estar presente em todas as fases de ensino/aprendizagem, pelo facto de ser, simultaneamente, o maior factor de motivação e o melhor indicador da evolução e das limitações que os praticantes vão revelando”⁶⁷. Ao tratar do jogo aqui, o autor refere-se às formas jogadas (ou adaptadas dos esportes coletivos com bola: handebol, futebol, voleibol e basquetebol). No entanto, consideramos a presença do “jogo possível”, já tratado anteriormente.

Acreditamos que, uma vez aprendido o esporte, depois do contato com características de várias modalidades, tendo sido privilegiada a participação ativa dos alunos na construção do processo de ensino-aprendizagem, o resultado desse processo se apresenta muito mais significativo. O aluno, então conhecedor da lógica particular da modalidade e dos determinantes do esporte, poderá, bastante consciente, optar pela especialização e treinamento mais efetivo, mais centrado nas questões competitivas e de rendimento físico.

O ensino dos esportes terá abrangido, dessa forma, a partir de uma grande variedade de experiências motoras, a apreensão de uma dimensão da cultura física, a esportiva, através de um tratamento pedagógico, sequencial e sistematizado, como devem ser tratadas as questões abordadas no âmbito escolar.

⁶⁷ Júlio GARGANTA, Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (orgs.) *O ensino dos jogos desportivos*, p.23.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física escolar, atualmente, passa por um processo de busca de sua especificidade. Acreditamos que esta esteja na transmissão de um conhecimento sistematizado que busca tematizar as formas culturais de atividade física, expressas pelos jogos, dança, lutas, esportes e ginástica.

O presente trabalho objetivou, com maior ênfase, abordar questões pertinentes ao conteúdo esporte. Observamos que este se caracteriza como atividade hegemônica nas aulas, sem, no entanto, um caráter pedagógico adequado que lhe confira relevância no interior da escola.

Para o desenvolvimento deste estudo, inicialmente, tratamos da Educação Física escolar de maneira mais global, procurando conferir-lhe um sentido dentro do contexto educacional.

Num segundo momento, procuramos abordar com maior atenção o esporte. Partimos de um resgate histórico da Educação Física escolar, a fim de situar o esporte nesse contexto e encontrar os determinantes que o constituíram como atividade predominante, em detrimento dos demais temas pertinentes à Educação Física para chegarmos nos determinantes atuais.

Uma vez fundamentado o esporte, buscamos estabelecer relações entre duas propostas para o seu desenvolvimento no interior da instituição educacional; não com o intuito de trazer receitas metodológicas, mas sim com o objetivo de conferir às atividades esportivas um tratamento pedagógico, ou seja, um caráter de sistematização, coerência e relevância social para sua abordagem.

É necessário que o entendimento da Educação Física enquanto área do conhecimento que possui conteúdos mais abrangentes do que o atualmente desenvolvido, extrapole os limites do meio acadêmico, alcançando os profissionais da Educação Física que lidam diretamente nas escolas.

Para que isso ocorra, estudos atenciosos que abordem esses conteúdos, se fazem necessários, a fim de esclarecer melhor seus determinantes, seus significados

culturais, bem como possíveis formas de desenvolvê-los nas escolas. Foi nessa perspectiva que procuramos desenvolver um desses conteúdos.

Consideramos as limitações deste trabalho, dada a extensão do tema que procuramos abordar. No entanto, esperamos ter podido contribuir para o enriquecimento do universo teórico da Educação Física, bem como para a aquisição de maiores informações por parte daqueles que buscam atuar de maneira significativa na formação do aluno, no interior da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*. v.7, n.2, pp.44-51, 1993.

_____. Ensino de 1º e 2º graus: Educação Física para que? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. supl.2, pp.282-287, 1992.

_____. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento. 1991.

BRACHT, V. Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*. supl.2, pp.23-28, 1996.

_____. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

CASTELLANI FILHO, L. Pelos meandros da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v.14, n.3, pp.119-125, 1993.

_____. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 3 ed. Campinas: Papyrus. 1991.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez. 1992.

DAOLIO, J. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. *Revista Paulista de Educação Física*. supl.2, pp.40-42, 1996.

_____. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus. 1995.

- FREIRE, J. B.** *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física.* São Paulo: Scipione. 1989.
- GARGANTA, J.** Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: **GRAÇA, A., OLIVEIRA, J.** (orgs.) *O ensino dos jogos desportivos.* 2 ed. Porto: Universidade do Porto. 1995.
- HUIZINGA, J.** *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.* 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- LIBÂNEO, J. C.** *Didática.* São Paulo: Cortez. 1994.
- PAES, R. R.** *Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental.* Campinas: Unicamp - Faculdade de Educação. 1996. (Tese de doutorado).
- SAVIANI, D.** *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.* São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1991.
- _____. *Escola e democracia.* 29 ed. São Paulo: Autores Associados. 1995.
- SCAGLIA, A. J.** Escolinha de Futebol: uma questão pedagógica. *Revista Motriz.* v.2, n.1, pp.36-41. 1996.
- SOARES, C. L.** Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física.* supl.2, pp.6-12, 1996.
- TANI, G. et alii.** *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.* São Paulo: E.P.U. 1988.